

## **A CRISE DA EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS 1980 E OS MANIFESTOS DA SOCIOLOGIA PÚBLICA**

Alexandre Paulo Loro<sup>1</sup>  
Giuliano Gomes de Assis Pimentel<sup>2</sup>

**Resumo:** A partir do diálogo com a Sociologia Pública indagamos qual manifesto exprime, na Educação Física, a pretensão de conclamar a área ao engajamento, tornando a cultura corporal um conhecimento acessível a todos. Nesse sentido, identificamos na obra “A Educação Física cuida do corpo... e ‘mente’: bases para a renovação e transformação da educação física”, de autoria de João Paulo Subirá Medina, a referência intelectual na qual podemos pensar similaridades e complementaridades com o manifesto de Burawoy e com as Cartas Brasileiras da Educação Física. A área tem seus manifestos críticos, que denotam preocupação social, e fazem rediscutir problemas ainda não solucionados.

**Palavras-chave:** Educação Física. Sociologia. Manifestos.

### **The Crisis of Physical Education in the Years 1980 and Manifests the Public Sociology**

**Abstract:** From the dialogue with the Public Sociology we inquire which manifestation expresses, in Physical Education, the pretension to urge the area to engagement, making the cultural body into a knowledge accessible to all. In this sense, we identify in the book “A Educação Física cuida do corpo... e ‘mente’: bases para a renovação e transformação da educação física”, written by João Paulo Subirá Medina, the intellectual reference in which we can think about similarities and complementarities with Burawoy manifestation and with the Brazilian Letters of Physical Education. The area has its critics manifestos, wich denotes social concern, and make us revisit unresolved issues.

**Keywords:** Physical Education. Sociology. Manifestation.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Chapecó, Santa Catarina, Brasil. E-mail: [alexandre.loro@uffs.edu.br](mailto:alexandre.loro@uffs.edu.br).

<sup>2</sup> Programa Associado UEM/UEL de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil, E-mail: [ggapimentel@uem.br](mailto:ggapimentel@uem.br)

## Introdução à crise

O início dos anos 1980 foi marcado pelo retorno gradual à democracia. A abertura política se concretizava, os brasileiros voltavam a escolher seus dirigentes, os políticos cassados regressavam ao país e à vida pública. Uma reforma partidária criou novas siglas, que expressavam uma nova configuração das forças sociais. Gradativamente, com a abertura política, repressão política menor (embora ela persista, travestida até nossos dias) e anistia dos intelectuais, emergiram novas discussões no quadro da educação em geral (e da Educação Física em particular).

Naquele momento, no campo educacional, diferentes propostas de superação da estrutura escolar como aparelho ideológico do Estado adquiriram maior liberdade para serem discutidas ou mesmo efetivadas. Segundo Moreno (1993, p. 59) “foi uma fase de críticas, as quais, aos poucos, se transformaram em algumas propostas, visando a uma melhoria da qualidade de ensino” e de mudanças estruturais.

Entre as produções de teor crítico escritas na década de oitenta, sustentamos a tese de que nenhum escrito foi tão emblemático da crise da Educação Física do que o livro “A Educação Física cuida do corpo... e ‘mente’: bases para a renovação e transformação da educação física” (1983), de autoria de João Paulo Subirá Medina. A obra foi impactante e teve ampla repercussão entre os profissionais da área, tornando-se um clássico, ao problematizar a crise na Educação Física brasileira e da necessidade de profunda reformulação. Em especial, nos chama atenção a sobrevida dessa produção na atualidade, no meio universitário e profissional. Passado tanto tempo, com a democracia consolidada no país e tantos outros títulos críticos publicados após o ano de 1983, ele ainda permanece sendo um dos livros mais lidos nos cursos de formação inicial da área, reeditado 25 vezes em 30 anos.

Realizaremos uma releitura da obra de Medina numa perspectiva arqueológica<sup>3</sup>, de modo a percebê-la como o manifesto da Educação Física que mais se aproxima do debate recente sobre sociologia pública, o qual pode revelar elementos de superação da crise de legitimidade social desmascarada há três décadas por Medina.

Nesse percurso, além da obra de Medina, foram escritas as Cartas Brasileiras da Educação Física, que constituíram um legítimo movimento em defesa de uma Educação Física preocupada com o público. Desencadeados pelas universidades públicas federais em resposta ao processo de sucateamento a elas imposto pela política educacional da época, os conteúdos dessas Cartas, nos contextos em

---

<sup>3</sup> Utilizamos a noção de arqueologia em Foucault (1999) no sentido mais amplo, como um conjunto de procedimentos críticos em relação à história, num esforço de repensar o sujeito, não como fonte autônoma e transparente de saber, mas como uma construção em redes de práticas sociais que sempre incorporam relações de poder e exclusão. Torna-se necessário entender tais mecanismos, uma vez que sabemos como essas coisas foram feitas, elas podem ser desfeitas, contanto que saibamos como foram feitas.

que foram gestadas, abriram a possibilidade de analisar momentos significativos da história da Educação Física brasileira.

### **Breve síntese da obra**

Por ocasião dos 30 anos de lançamento do livro, na 25ª edição (2010), foi redigida uma nova introdução, além de três novos capítulos produzidos por professores convidados, que comentam sobre a atualidade do conteúdo do livro original - um clássico na área da Educação Física.

Na apresentação, 'A Educação Física no século XXI: ainda em busca de sua(s) identidade(s)', Medina afirma sentir um misto de orgulho e decepção - orgulho pela aceitação social da obra; e decepção ao ver que muitas das observações, críticas e denúncias, feitas na época, ainda estão vivas e são pertinentes (falta de qualidade do ensino, reducionismo biológico de influência cartesiana e positivista, despolitização das práticas físicas e esportivas).

Na introdução, 'por uma revolução cultural do corpo', são justificados os motivos que levaram o autor a escrever o livro. Por muitos anos Medina procurou uma obra que pudesse fundamentar a cultura do corpo e que fosse capaz de tratar dos problemas das atividades práticas da profissão. Aliado a esses fatores, o aumento do interesse da população pelas atividades do corpo proporcionou condições propícias para refletir sobre esse assunto, sendo necessário encontrar um sentido mais humano para a cultura física. Surge, então, o momento para repensar com mais seriedade o problema do corpo, dentro de todas as dimensões energéticas. Buscam-se razões para justificar uma expressão legítima do homem, por meio das manifestações do seu pensamento, do seu sentimento, e do seu movimento, este último comumente relegado ao segundo plano.

A supervalorização das manifestações intelectuais é uma das fortes razões pela qual a cultura do corpo, em especial a Educação Física, desde o início de nossa história, tem sido colocada em planos inferiores na escala de valores. A cultura necessita de uma revolução, iniciada por uma crise. Uma revolução cultural do corpo com participação crítica, capaz de promover efetivamente o homem brasileiro em todos os seus aspectos. Este seria também o papel da Educação e da Educação Física. Trata-se de um projeto coletivo que visa recuperar o sentido humano do corpo, envolvendo todas as camadas da população.

O autor alerta sobre as armadilhas do consumismo e denuncia os seus esquemas manipulativos e alienantes. O ponto de partida das discussões é uma proposta de análise crítica do que se tem feito com a Educação Física, privilegiando apenas uma parcela da sociedade. Tal análise, seguida de uma reflexão orientadora e de uma proposta de transformação radical desta prática educativa, preocupa-se com o ser social, integral e total do humano, concebida a partir de uma "Educação Física Revolucionária".

A novidade da 25ª edição (comemorativa) é o acréscimo de três novos ensaios, escritos a partir de abordagens distintas. Foram convidados três autores para revisitar a obra: Valter Bracht, Rogério dos Anjos e Edson Marcelo Húngaro. Em síntese, os três ensaios que complementam a obra trazem à tona inúmeras reflexões que merecem destaque.

O capítulo escrito por Valter Bracht faz jus ao novo título da obra de Medina, ao destacar as “novas contradições e desafios do século XXI” para a Educação Física bem como, a constante “busca de sua(s) identidade(s)”, expressada na apresentação do livro. Bracht, que outrora comungava com os ideais revolucionários de Medina, lança em seu artigo mais dúvidas e hipóteses que verdades e certezas. Inova ao acrescentar novos conceitos, inexistentes nos anos 80. Destacam-se na redação a construção de uma identidade docente; o reconhecimento da Educação Física como uma disciplina com conhecimento próprio; e as políticas e práticas de formação continuada, sendo os professores sujeitos da ação.

O corpo nesse contexto é entendido como uma construção simbólica, portanto aberto à história, proporcionando uma diversificação de sentidos e práticas corporais. Bracht reconhece a existência de novos desafios para a prática pedagógica, para a formação profissional e para o currículo da Educação Física, sendo o principal deles lidar com a pluralidade, sem ignorar/eliminar a ambiguidade.

As discussões apresentadas pelo pesquisador Rogério dos Anjos, inspiradas nas obras do português Manuel Sérgio, colaboram ao rediscutir o conceito de Educação Física, no sentido de promover uma passagem da Educação Física para a Ciência da Motricidade Humana (CMH). Podemos resumir a proposta como uma nova metodologia, caracterizada por uma educação que considera o “método integrativo” ou o “método da complexidade”, capaz de dialogar com diversas linhas de pensamento e autores contemporâneos.

Anjos preconiza a integralidade do objeto com o período histórico-social e a indissociabilidade com o universo, rompendo com o cartesianismo. Ou seja, propõe um novo paradigma, articulado com outras ciências, enfatizando a importância de despertar a consciência, ao passo que evoca uma ruptura com a atual visão da modernidade a respeito da ciência fragmentada. O autor propõe um “corte epistemológico”, onde o profissional é visto como um especialista “no ser humano em movimento e no movimento do ser” e atribui um novo ofício para o profissional de Educação Física – um especialista em humanidades, capaz de perceber o corpo sujeito, dotado de emoções.

No último capítulo, Húngaro reitera muitas das ideias de Medina. Enfatiza que, mesmo passados 30 anos, a Educação Física não “deixou de mentir”. Sua fundamentação está alicerçada no argumento de que a Educação Física visa atender aos interesses burgueses, contribuindo com o processo de manipulação de consciências, ou seja, contribuiu com a “mentira”. Descreve a atual conjuntura social, econômica e política, que é bastante diferenciada da década de 80 e explana os novos modelos de acumulação, no plano econômico, social e político, e

as consequentes transformações que estes repercutiram na cultura. Húngaro destaca que a aspiração de alimentar um projeto revolucionário e humanista tem sido considerada impossível na maior parte do cenário intelectual e profissional. Pois, como a Educação Física pretende parar de mentir sem um projeto revolucionário?

Em nossa análise, Medina possibilitou a atualização do debate sobre quais são as bases para renovação da Educação Física ao trazer a contribuição de outros autores. Todavia, ao leitor neófito, a obra se tornará menos coesa, haja vista a presença de teses que, em certa medida, antagonizam-se entre si à medida que tentam contestar ou complementar as ideias de Medina.

Nesse sentido, é sempre importante lembrar que o autor não quis dizer algo, mas ele disse. A obra escrita, em 1983, identificou problemas na formação e na intervenção e fez um tratamento crítico a partir de referenciais teóricos que não costumam circular na Educação Física. Escrita com cuidado, no contexto do fim da Ditadura Militar, a obra identificava problemas que se pensavam possíveis de resolução quando a democracia chegasse em 1986.

Na obra Medina media diferentes leituras críticas sob uma mesma identidade: a Educação Física revolucionária. Todavia, cada visão não tradicional acabou por aprofundar-se em si e não mais na convergência, como acreditamos ter trabalhado Medina. Assim, sobressaíram-se diferentes tendências da Educação Física. Então, poderíamos nos questionar qual delas mais se aproxima da utopia clamada por Medina ao final da obra. Ora, Húngaro vê que seria o Marxismo o desdobramento lógico dessa Educação Física revolucionária enquanto Anjos aponta que é a Motricidade Humana a teoria não reducionista e renovada do corpo/mente. Já Bracht questiona a possibilidade de uma vertente ser a herdeira do legado de Medina, visto não haver a única verdade (em contraposição à mentira) capaz de nos levar à superação do quadro de miséria das consciências.

A capacidade do livro em nos conscientizar sobre nossas mentiras ainda tem potência para nos levar à crise e à necessidade de uma superação do *status quo*. Até porque certos aspectos constatados na obra, ao invés de se erradicarem com a democracia, ao contrário, se tornaram mais complexos, a exemplo da proliferação de cursos de Educação Física e da produção de pesquisas muito especializadas sem conexão com a práxis.

### **Por uma Educação Física Pública**

Historicamente, manifestos e cartas expressam movimentos de uma nova ordem. Geralmente expõem sinteticamente os pontos essenciais da nova (ou contra) ideologia, com o intuito de angariar adeptos, despertar simpatias ou dar direção política. Os manifestos e as cartas podem representar também uma forma de protestar, quando elaboradas por um grupo insatisfeito.

Dentre tantos manifestos que poderíamos mencionar e problematizar, o manifesto de Burawoy<sup>4</sup> nos chama atenção ao fazer um apelo instigante - de que a sociologia tradicional, conceituada como profissional, já não corresponde aos desafios do mundo atual. Sua principal crítica é direcionada ao Estado (a quem a sociologia tradicional foi grande servidora), que deixou de ser um provedor do bem comum à sociedade civil para se tornar seu inimigo, aliando-se ao mercado na demolição dos direitos conquistados pelos cidadãos.

A conexão da sociologia ao mundo dos públicos ressalta o investimento particular da sociologia na defesa da sociedade civil, oprimida pela dominação dos mercados e Estados. Nesse sentido, cabe uma analogia do caráter sociológico do livro de Medina quando comparado ao manifesto da Sociologia Pública, de Burawoy.

Longe de qualquer determinismo, percebemos uma intersecção quando o assunto é a elaboração de uma crítica ao Estado - a quem a sociologia tradicional (e a Educação Física) foi grande servidora. O Brasil atravessou um período ditatorial e o controle da sociedade em todos os seus aspectos era uma política de Estado. Com isso, visava controlar as consciências que poderiam se opor às suas diretrizes, geralmente opressoras.

Outro cruzamento emerge quando Braga e Burawoy (2009) enfatizam a urgência dos sociólogos fazerem a sua própria sociologia, capaz de proporcionar retorno ao público, de fazê-la descer do pedestal da universalidade e reconhecer seu caráter particular e seu poder nacional. Medina corrobora com essa discussão na Educação Física - no momento em que o país passava por um processo de redemocratização, reivindica uma Educação Física legítima, revigorada, pública e de qualidade. Medina denuncia a opressão do sistema e enfatiza sobre o investimento que a Educação Física deveria realizar em defesa da sociedade civil.

Na Sociologia Pública um dos objetivos é transformar os sujeitos em ativistas, utilizando saberes e ferramentas da ciência e da sociedade com o intuito de transformá-la, por meio do engajamento intelectual. Contexto semelhante ao da Educação Física brasileira na década de oitenta, que denunciava a estrutura social desigual - uma das maiores do mundo. Medina milita em prol de uma nova proposta, feita com a participação de acadêmicos e professores, uma “Educação Física Revolucionária” - crítica e reflexiva.

No entendimento de Burawoy (2014) a Sociologia Pública surge a partir do momento em que convergem dois campos distintos - o campo político e o campo acadêmico. Em termos práticos, a sociologia (enquanto disciplina acadêmica) precisa transpor a realidade cotidiana em verdades inconvenientes. Isto seria possível ao ingressar na esfera pública, tornando-se um movimento social e, simultaneamente, uma base científica segura.

---

<sup>4</sup> Manifesto de autoria de Michel Burawoy que, ao ser eleito presidente da Associação Sociológica Americana (2004), ao ter desenvolvido uma reflexão a respeito da sociologia contemporânea, consagrou sua conferência ao tema "sociologia pública".

Em outras palavras, esses aspectos também foram debatidos por Medina ao afirmar que a Educação Física não se realiza de forma independente e neutra, sendo necessário encontrar um sentido mais humano para a cultura física. Medina ao discutir a miséria das consciências extrapola o universo acadêmico para uma manifestação política, uma vez que vai além da definição do conceito de consciência. Ele adota uma postura política ao tratar da importância de termos uma educação libertadora, capaz de ultrapassar o determinismo biológico e de interferir na realidade, subsidiando seu trabalho em bases científicas da filosofia e da sociologia.

Medina se utiliza de uma metodologia comunicativa, na tentativa de negociar com a dinâmica dos campos político e acadêmico, pois, como diz Burawoy (2014), a Sociologia Pública eficiente funciona nesses dois terrenos. Seu empreendimento é dialogar com o público, além da academia, em um diálogo aberto em que ambos os lados aprofundem a sua compreensão das questões públicas.

Além da obra em destaque de Medina, no cenário nacional brasileiro a Educação Física redigiu importantes “cartas”, que manifestaram intensa preocupação com o público. Dentre elas, são proeminentes: a Carta de Belo Horizonte (1984), a Carta de Carpina (1986), a Carta de Sergipe (1994) e a Carta Brasileira de Educação Física (2000). Podemos localizar o debate dessas cartas na Revista Brasileira de Ciências do Esporte, pois representam momentos significativos da história da Educação Física brasileira.

A Carta de Belo Horizonte faz reflexões e sugestões sobre a educação física brasileira ao término da ditadura militar. Nela são analisados o contexto social, econômico, político e educacional da época, com suas contradições, avanços e retrocessos. Expressa o embate entre os defensores da escola pública e os privatistas, e a organização política dos professores, girando entre a adesão da Associação dos Profissionais de Educação Física (APEFs) e movimento sindical (FARIA JUNIOR, 2008).

A Carta de Carpina apresenta uma análise crítica da realidade do início dos anos oitenta. Ela estabelece novos referenciais para a Educação Física e apresenta algumas reivindicações. Ela apresentou de forma sistematizada os “novos compromissos”, assumidos por intelectuais de Educação Física. As discussões visavam promover uma Educação Física voltada para a necessidade da população e o amplo e irrestrito combate à acentuada miséria (TAFFAREL, 2008).

A Carta de Sergipe apresenta de forma sistematizada as denominadas “problemáticas significativas da Educação Física e Esporte e Lazer no Nordeste do Brasil” e sistematiza o “reconhecimento de alternativas e reivindicações”. O eixo político da carta é constituído por reivindicações das amplas massas. A posição científica parte da crítica da organização social capitalista de produção e reprodução da vida, que é expressa na abordagem de problemáticas, na perspectiva pedagógica de busca de alternativas superadoras, na luta e no confronto de projetos políticos (LACKS, 2008).

A Carta Brasileira de Educação Física foi elaborada pelo sistema CREF/CONFED. Orientada pela Lei n. 9.696/98, reconheceu o profissional de Educação Física. Esse documento foi democraticamente organizado com a contribuição de profissionais interessados, que se preocupam com a prestação de atuação de qualidade, no sentido de proporcionar aos beneficiários uma expectativa de vida ativa e de qualidade (TOJAL, 2008).

O manifesto de Buroway e as Cartas brasileiras de Educação Física, elaboradas em distintos momentos históricos, são um convite à reflexão sobre problemas sociais ainda não superados. Aliás, muitas questões continuam em aberto, pois ainda não foram solucionadas, tornando-se mais complexas com seus desdobramentos, a exemplo da proliferação dos cursos de Educação Física e da produção de pesquisas especializadas sem conexão com a práxis - este último ponto, uma das críticas abordadas por Medina.

### **A obra de Medina - um manifesto ainda pertinente**

Na década de oitenta vários autores como Medina (1983); Hildebrandt (1986); Le Boulch (1986); Sergio (1987); Tani (1988); Castellani Filho (1988) e Freire (1989) realizaram produções teóricas significativas, trazendo um olhar crítico sobre a ação da Educação Física (DARIDO, 1998). Na atualidade, novos trabalhos acadêmicos continuam sendo produzidos com propostas de intervenção. Entretanto, ainda diversas questões permanecem em aberto, como podemos perceber no próprio título da última edição do livro de Medina: 'A Educação Física no século XXI: ainda em busca de sua(s) identidade(s)'. Essa é uma das particularidades que torna a obra atual, pois entendemos que ainda não superamos muitos problemas (ou mentiras). Além da constante busca de identidade (que são múltiplas), outros aspectos podem ser potencializados, como a formação docente e as condições de trabalho e desenvolvimento profissional.

Podemos citar como exemplo as Instituições de Ensino Superior (IES) que perpetuam um sistema que quantifica/massifica a formação, repetindo os mesmos quadros que Medina criticou. As críticas parecem pertinentes e é bem provável que, por esse motivo, o livro de Medina não tenha caído em desuso. Ele denuncia o precário contexto da Educação Física escolar que, embora tenha avançado, ainda não atingiu um patamar satisfatório de qualidade. Muitos dos problemas apontados por Medina não foram superados, mesmo com a expansão do quantitativo de cursos e com a *cientificização* da área.

Vale lembrar que no ano de publicação (1983) do livro de Medina, existiam poucos cursos de Educação Física no país. Segundo dados do INEP/MEC (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) em 1991 existiam 117 cursos de Educação Física, em 2004 esse número subiu para 469, enquanto que em 2012 já eram 1108 cursos - um aumento superior a 900%. Vale também lembrar que em 1983 as produções científicas eram escassas. Hoje temos uma farta literatura especializada, resultado da expansão dos Programas de Pós-



Graduação em Educação Física (mais de 20 programas *Strictu Sensu* no país) e grupos de pesquisa.

Pesquisa realizada por Silva Filho et. al (2007) com apoio do Instituto Lobo para o Desenvolvimento da Educação, da Ciência e da Tecnologia mostrou que os cursos de licenciatura, além de serem os menos procurados nos processos seletivos vestibulares, apresentam um dado alarmante em relação à evasão. Em todos os Estados brasileiros pesquisados, o índice de evasão é elevado. De acordo com a média nacional, 48% dos alunos de licenciatura não chegam a se formar. A cada ano, 19,6% dos alunos desistem do curso. Entre os principais motivos de desistência estão a indisciplina dos alunos, as péssimas condições de trabalho e os baixos salários, que inevitavelmente desmotivam os acadêmicos de licenciatura a serem professores. A carreira docente tem sido pouco atraente.

Contrastando com o déficit de profissionais com formação adequada, fica difícil implantar uma intervenção profissional “revolucionária” na Educação Física escolar. Medina, ao denunciar que “a Educação Física cuida do corpo... e ‘mente’” auxiliou na reflexão sobre a formação docente e intervenção pedagógica. Ao lê-lo, percebemos que o movimento dialético entre teoria e prática proporcionou o surgimento de novos elementos - muitos deles ainda não postos naquele momento.

Há um distanciamento entre as publicações acadêmicas e a quantidade de egressos e/ou formandos de Educação Física no país, que raramente têm sua formação mudada por essa produção científica. Para sermos bem pontuais, podemos trazer à tona duas produções: os ‘Cadernos de Formação da RBCE’ e o livro didático da disciplina de Educação Física, lançado pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná que, aparentemente, não geraram mudanças substanciais em grande escala.

Não obstante, a leitura do livro de Medina ainda gera inquietação e movimento na “consciência transitiva crítica” dos sujeitos, indiferente se o professor está inserido na Educação Básica (reivindicando pela reforma ou instalação de uma quadra) ou se está atuando no Ensino Superior (escrevendo artigos para revistas). Os leitores se identificam com os problemas denunciados, que ainda perduram e que poderiam ser mencionados com facilidade, pois muitos deles são de ordem coletiva.

### **Uma Constante Crise**

Medina menciona na 25<sup>a</sup> edição (2010) que sente um misto de orgulho e decepção em relação ao seu livro. Orgulho pela aceitação social da obra; e decepção ao ver que muitas das observações, críticas e denúncias, feitas na época, ainda estão vivas e são pertinentes (falta de qualidade do ensino, reducionismo biológico de influência cartesiana e positivista, despolitização das práticas físicas e esportivas).

A supervalorização das manifestações intelectuais é uma das fortes razões pela qual a cultura do corpo, em especial a Educação

Física, é colocada em planos inferiores na escala de valores sociais. Nesse enredo, aliado ao aumento do interesse da população pelas atividades do corpo, Medina percebe a existência de condições propícias para refletir sobre a cultura física, capaz de promover o homem brasileiro em todos os seus aspectos, ao compreender que no cenário da Educação Física brasileira as coisas não iam tão bem assim, pois *havia algo de podre*<sup>5</sup> na Educação Física.

A motivação central consistia em desenvolver uma obra capaz de fundamentar a cultura do corpo, mais apropriada para tratar dos problemas das atividades práticas da profissão. Medina, então, propõe analisar criticamente o que vinha sendo feito com a Educação Física, que privilegiava apenas uma parcela minoritária da sociedade. O intuito era fazer a Educação Física evoluir, sair da miséria das consciências, encontrar um sentido mais humano e, talvez, fazê-la parar de mentir. A obra teve o mérito de proporcionar ao leitor uma reflexão sobre a sua prática, colaborando para desencadear uma crise, levantando questionamentos sociológicos e filosóficos, pois estes são elementos indispensáveis na busca da identidade da Educação Física.

Na apresentação da última edição do livro de Medina, ao citar Nietzsche, destaca a necessidade em não se ler o livro de forma dogmática. Afinal, “não é a dúvida, mas a certeza que nos enlouquece”. Embora o texto pudesse ser reeditado (ampliado e atualizado), Medina considera que “mudá-lo ou alterar qualquer ideia ou conceito significaria mutilá-lo” (p. 11). Isto significa realizar dois movimentos críticos sobre o livro.

O primeiro movimento é identificar as limitações atribuídas à obra entre comentadores. Para a surpresa de quem atribui ao livro a adjetivação de marxista, é no trabalho materialista histórico dialético de Silveira (2013) sobre a consciência dos professores de Educação Física que são apontados os maiores óbices ao livro:

Reconhecemos, portanto, limites na análise de Medina, na medida em que o autor não estabelece as relações históricas necessárias entre (a) formação de consciência e produção de existência; (b) entre luta de classe e projeto histórico; (c) entre estágio de apropriação do conhecimento científico e projeto histórico. Sob estas condições sua avaliação do estágio de desenvolvimento da consciência dos estudantes capta apenas os problemas na formação científica relacionada às capacidades de uso da língua portuguesa, domínio dos conceitos chave da educação física, capacidade de crítica à realidade social imediata em que vive (SILVEIRA, 2013, p. 102).

Não se pode analisar o livro fora do contexto intelectual que ele foi escrito. Na época em que o livro foi redigido não havia muitas escolhas ideológicas a serem feitas: ou estava a favor do sistema ou estava contra

---

<sup>5</sup> Analogia à expressão ‘Há algo de podre no reino da Dinamarca’, da tragédia de ‘Hamlet’.

o sistema. Neste período a obra de Medina foi referenciada por seu teor comunista. Na atualidade, paradoxalmente, a obra de Medina está na cabeceira tanto da 'direita' quanto da 'esquerda' da Educação Física - as apropriações parecem diferir, uma vez que o livro expressa a síntese de várias vertentes teóricas. Contudo, o tempo presente merece novas interpretações - requer análises para além da explicação econômica, afinal novos desafios (ou novas mentiras) se apresentam à Educação Física brasileira. Nesse sentido, Santos (2010, p. 29) auxilia no entendimento dos anos oitenta:

A década de oitenta é, sob diferentes formas, a década do pós-marxismo. Mais do que qualquer outro período anterior, a solidez e a radicalidade do capitalismo ganhou ímpeto para desfazer o marxismo no ar e desta vez para o desfazer aparentemente com grande facilidade e para sempre.

Os anos oitenta foi uma década que o marxismo pareceu desfazer-se em definitivo no ar, uma metáfora que no final da década adquiriu a verossimilhança própria da literalidade na evaporação dos regimes comunistas do leste europeu. O reflexo global de tal evaporação desencadeou, de certa forma, um 'efeito dominó' nas produções críticas brasileiras, ao ponto de alguns intelectuais renunciarem alguns de seus escritos. Seria o caso de Medina, hipoteticamente, declarar: "esqueçam tudo que eu escrevi<sup>6</sup>”?

Não seria de se estranhar que o fenômeno de ruptura de alguns princípios pudesse também ocorrer na comunidade acadêmica da Educação Física, como aconteceu na obra “A Revolução dos Bichos<sup>7</sup>” (ORWELL, 2007) ou no conto “O sonho dos ratos<sup>8</sup>” (ALVES, 1989). Contudo, ao analisarmos os trabalhos dirigidos na atualidade por Medina na Universidade do Futebol<sup>9</sup>, percebemos que eles não são contraditórios com muitos de seus ideais iniciais. Em determinada maneira, está alinhado com o discurso renovador de outrora, porém com maior flexibilização.

Um segundo movimento é perceber que a Universidade do Futebol apresenta uma proposta com elementos efetivos de superação, destinada àquelas pessoas que vivem do futebol (alto rendimento), para os que acreditam no poder de transformação do futebol (social), para os que utilizam o futebol como tema gerador para o ensino (educacional), e para os que consomem futebol (entretenimento). Na Universidade do

---

<sup>6</sup> Frase supostamente proferida por Fernando Henrique Cardoso (1993).

<sup>7</sup> O livro narra uma história de corrupção e traição e recorre a figuras de animais para retratar as fraquezas humanas.

<sup>8</sup> No conto, os ratos alcançam seu maior objetivo - possuir o queijo, uma vez que o gato vigilante desaparece. Contudo, após possuírem o queijo, os *ratos* começaram a olhar uns para os outros como se fossem inimigos.

<sup>9</sup> Instituição que promove o ensino *online* e presencial; produz e compartilha conteúdos para capacitação e qualificação no futebol, trabalhando a sua potencialidade como veículo de transformação para o esporte e a sociedade. Disponível em: <<http://www.universidadedofutebol.com.br>>. Acesso em: 13 de outubro de 2013.

Futebol vemos, em parte, ações inovadoras que Medina elaborou às críticas que ele mesmo produziu, ao oferecer cursos presenciais e à distância, aulas gratuitas, vídeos, colunas, entrevistas e artigos. Os conteúdos especializados apresentados (inclusive o próprio futebol) destinam-se a várias profissões, abrangem por meio de uma abordagem interdisciplinar as dimensões do alto rendimento, social, educacional e entretenimento, sejam nas áreas técnica, administrativa, saúde, ciências humanas e sociais.

Ao produzir e compartilhar conteúdos para capacitação e qualificação no futebol, Medina construiu um veículo de transformação para o esporte e para a sociedade. Isso inclui a participação do mesmo em ações como o “Bom Senso Futebol Clube”, uma iniciativa vinda de quem tem seu trabalho explorado pela indústria do futebol e que deseja ter reconhecidos seus dinheiros ao descanso. Parece pouco, frente às expectativas de superação da crise que Medina diagnosticou, mas esse é o concreto possível dentro das determinações dadas. Idealizamos uma utopia, mas sua concretização não é plenamente concluída apenas por meio da consciência de um só. Se o próprio autor não conseguiu uma transformação em larga escala inspirado na utopia, então qual o motivo de ainda acreditar nela?

Certa vez, Eduardo Galeano, ao citar o cineasta argentino Fernando Birri, teve a felicidade de dizer algo que pode explicar: “A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar” (GALEANO, 1994, p. 310).

Compreendemos que os trabalhos atuais de Medina estão mais alinhados ao pensamento complexo, de perspectiva interdisciplinar, que aspira ao conhecimento multidimensional, mas entende que o conhecimento completo é inatingível. Esta forma de pensar comporta o reconhecimento de um princípio de não completude e de incertezas, conforme preconiza Morin (2006). Por isso, ao olharmos para o manifesto de Burawoy, entendemos que os seguintes aspectos podem ser complementares para avançarmos na reflexão que Medina e os outros manifestos da Educação Física nos legaram:

- \* O constante questionamento crítico dos valores da Educação Física e a capacidade de justificar-se a si mesma;

- \* A persistência em continuar perguntando sobre a identidade da Educação Física;

- \* As inúmeras reflexões sobre a formação e atuação do professor;

- \* A preocupação com o desenvolvimento integral do ser humano, em um processo educativo capaz de contribuir para o crescimento de todas as dimensões humanas;

- \* Uma perspectiva de renovação e transformação do ser humano, no sentido de sua auto-realização e em conformidade com a realização de uma sociedade mais justa e livre;

- \* A percepção do esporte de alto nível como uma atividade de valor educativo, desde que comprometida com os valores humanos.

Estaremos longe desses elementos? Em parte sim, tendo em vista que a atual política de produção científica tem se voltado para a produção massiva em periódicos mais do que a preocupação com o retorno social do conhecimento produzido. Por outro lado, também é possível avistar no horizonte, experiências que sinalizam para o compromisso do pesquisador com a dimensão pública de seu conhecimento.

Afora experiências isoladas, podemos reconhecer na atualidade determinadas ações e políticas públicas específicas que oportunizam aos profissionais da área o exercício de articulação entre o que pesquisam e o retorno que dão junto às comunidades e grupos sociais, a exemplo da Rede do Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer (CEDES), Programa Segundo Tempo (PST) e Projeto Esporte e Lazer da Cidade (PELC).

### **Considerações Finais**

Obviamente, os manifestos não movem a realidade por si, mas são importantes norteadores para gerar movimento. Por isso, reiteramos na Educação Física a importância de retomar a tradição dos movimentos intelectuais engajados na área com a inspiração trazida pelo manifesto da Sociologia Pública que vimos possibilidades de diálogo.

A obra de Medina nos ajuda a compreender os movimentos de nossa área, perpassando pelas Cartas da Educação Física, e nos aproxima no tempo presente do manifesto de Burawoy. Embora este sociólogo não se refira à Educação Física, entendemos que a associação do conhecimento acadêmico com a intervenção na sociedade é um passo necessário para a superação de elementos constituintes da crise na área.

Se o papel da sociologia é o de fornecer subsídios teóricos necessários para o desvelamento da realidade e sua conseqüente transformação, o livro de Medina conseguiu expressar esses ideais por meio de análises sociais, ao enfrentar a resistência de interesses profundamente enraizados e escondidos no inconsciente coletivo, e ao desencadear inúmeras crises e conflitos na Educação Física brasileiro. Precisamos, todavia, reavivar o potencial crítico desse e de outros manifestos frente a propostas que enfatizem no tempo presente a importância do engajamento dos intelectuais com a transformação social.

Concluimos, portanto, que as cartas e especialmente a obra de Medina representam um legado da área no tocante ao compromisso com os interesses legítimos da sociedade, o que nos aproxima política e epistemologicamente de manifestos como o da Sociologia Pública. Logo, a consideração desses aportes históricos é mais um elemento fundador para reconstruir o compromisso da Educação Física no desenvolvimento de produções socialmente relevantes.

## Referências

ALVES, Rubem. O sonho dos ratos. In: *Estórias de Bichos*. 12. ed. São Paulo: Loyola, 1989.

BRAGA, Ruy; BURAWOY, Michael (Orgs.). *Por uma Sociologia Pública*. São Paulo: Alameda, 2009.

BURAWOY, Michael. Introduction: Sociology as a combat sport. *Current Sociology*. Londres, vol. 62, n. 62, Monograph 1, March 2014.

DARIDO, Suraya Cristina. Apresentação e análise das principais abordagens da Educação Física escolar. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 20, n.1, p. 58-66, 1998.

FARIA JUNIOR, Alfredo Gomes de. Reflexões sobre a Educação Física brasileira – a Carta de Belo Horizonte. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, SC, v. 23, n. 1, jul. 2008.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GALEANO, Eduardo. *As Palavras Andantes*. Porto Alegre: L&PM, 1994.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Censo da educação superior: 2011 – resumo técnico*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2013. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/>>. Acesso: em 15 de abril de 2014.

LACKS, Solange. A Carta de Sergipe: carta aberta com reivindicações na área de Educação Física e esporte no nordeste do Brasil. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, SC, v. 23, n. 1, jul. 2008.

MEDINA, João Paulo Subirá. *A Educação Física cuida do corpo... e “mente”*: novas contradições e desafios do século XXI. MEDINA, João Paulo Subirá; HUNGARO, Edson Marcelo; ANJOS, Rogério dos; BRACHT, Valter (Colaboradores). 25. ed. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2010.

MORENO, Andrea. Reflexões acerca dos objetivos do ensino de Educação Física. In: *Revista Mineira de Educação Física*. Viçosa, V. 01, n. 01, p. 59-62, 1993.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

ORWELL, George. *A Revolução dos Bichos: um conto de fadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA FILHO, Roberto Leal Lobo, et al. A evasão no Ensino Superior Brasileiro. In: *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 641-659, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.institutolobo.org.br/paginas/artigos.php?v=1>>. Acesso em: 07 de abril de 2014.

SILVEIRA, Paula Souza de. *Formação da consciência e produção da existência: apontamentos teóricos e metodológicos para o estudo da formação dos professores de Educação Física*. 2013. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. A Carta de Carpina - Educação Física – novos compromissos: pedagogia, movimento, miséria. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, SC, v. 23, n. 1, jul. 2008.

TOJAL, João Batista Andreotti Gomes. A Carta Brasileira de Educação Física. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, SC, v. 23, n. 1, jul. 2008.

Recebido em 03 de outubro de 2015

Aceito em 26 de fevereiro de 2016